



redação de
CAMPEÃO

Aula 15-
**“A intensificação da desigualdade
social no Brasil”**

Professora Candice Almeida

Professor João Filipe Magnani

contato@redacaodecampeao.com.br; www.redacaodecampeao.com.br

Manutenção do Enem durante a pandemia coloca Brasil na contramão da tendência mundial

(FOLHA DE S.PAULO, 08.05.2020)

A insistência do governo Jair Bolsonaro em manter as datas do Enem, apesar da pandemia de coronavírus e do fechamento de escolas, vai na contramão do que ocorre no mundo.

A maioria dos países adiou exames de acesso à universidade, como é o caso do Enem. Só 5 países, entre 19 com provas similares, mantiveram o cronograma, segundo levantamento do Instituto Unibanco com nações de todos os continentes.

A preocupação com a manutenção do Enem envolve o risco de agravamento das desigualdades educacionais. Todas as redes estaduais de ensino, que concentram mais de 80% dos alunos de ensino médio no país, interromperam aulas. Como estudantes mais pobres enfrentam maiores dificuldades para estudar com as escolas fechadas, terão menores chances no Enem.

O Enem é a principal porta de entrada para o ensino superior no país. A aplicação em papel está prevista para os dias 1º e 8 de novembro, e as provas digitais, para 22 e 29 de novembro. Com datas mantidas, as inscrições serão abertas na segunda-feira (11) e vão até 22 de maio.

De 19 países com exames de acesso à universidade, similares ao Enem, 10 já adiaram ou cancelaram suas provas: China, Estados Unidos, Espanha, Irlanda, Malásia, Polônia, Rússia, Singapura, Gana e Colômbia (para partes das escolas, na região norte). A prova foi substituída por outra forma de avaliação na França e Reino Unido, e a situação segue indefinida na Finlândia e Itália.

Apesar de cada país ter calendário escolar e panorama da doença diversos, a perda de aulas por causa do fechamento de escolas — e o prejuízo dos alunos — está no centro das preocupações da maioria dos países.

Covid-19 potencializa desigualdades na educação

É urgente evitar que essa tragédia se ascetue (FOLHA DE S.PAULO, 10.05.2020)

Para além das consequências incalculáveis sobre a saúde e a economia, a força desorganizadora da Covid-19 traz consigo um impacto mais silencioso, mas não menos devastador. É sobre o sistema educacional brasileiro que, na pré-pandemia, já era bastante castigado e marcado por uma brutal desigualdade de oportunidades.

No Brasil, onde o ambiente familiar possui forte influência nos resultados educacionais, haverá diferentes desfechos para os 48 milhões de alunos da educação básica. As perdas certamente serão coletivas, mas não há dúvidas de que os mais prejudicados serão aqueles que, mesmo antes do coronavírus, já eram vulneráveis: os alunos mais pobres.

Há números difíceis de engolir: 55 milhões de brasileiros vivem hoje abaixo da linha da pobreza, o que significa um quarto de toda a população. Mas, se considerarmos apenas a faixa etária dos 6 a 19 anos que frequenta a escola, quase 40% são compostos pelos mais pobres do Brasil, segundo dados do Instituto Ayrton Senna e Oppen Social, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C) do IBGE de 2017. Assim, são cerca de 15 milhões de crianças e jovens que as políticas públicas educacionais de enfrentamento à pandemia terão mais dificuldade de alcançar.

O fechamento abrupto das escolas e a transição forçada para a educação a distância somadas à ausência de um direcionamento abrangente e claro do governo federal são elementos que trazem poucas respostas a esse dilema da desigualdade. Afinal, entre os alunos de 6 a 19 anos que frequentam a escola, quase 20% não têm acesso à internet e, se considerarmos apenas os mais pobres, a rede não chega à

Viviane Senna - Presidente do Instituto Ayrton Senna, especializada em psicologia junguiana e nomeada “Líder para o Novo Milênio” pela CNN/Revista Time

quase metade dos domicílios, ainda de acordo com levantamento feito pelo Instituto Ayrton Senna e Oppen Social com base na Pnad-C/IBGE de 2017.

Portanto, a escola, que deveria oferecer especialmente aos mais vulneráveis condições de ascensão social, acaba por reforçar diferenças exacerbadas pela pandemia. Como consequência, contribui indiretamente para o abandono de estudantes que já contavam com menos oportunidades de aprendizado em casa, como acesso a livros e cultura, e famílias com menos chances de apoiar no desenvolvimento.

Evitar que essa tragédia chegue às consequências finais é urgente. Assim como na saúde, é a evidência científica que deve pautar as políticas públicas no que tange à educação. Há estudos que mostram que a ausência de aulas, como as férias, tem alto impacto negativo sobre o aprendizado de um estudante. Portanto, ainda que haja soluções paliativas como o ensino a distância em função do fechamento das escolas, não podemos perder de vista o principal, que é o retorno às aulas e à aprendizagem no espaço escolar.

As evidências mostram, portanto, que é possível sair dessa pandemia melhores que entramos. Melhores para nos colocarmos empaticamente no lugar dos novos vulneráveis que, infelizmente, serão gerados. E, acima de tudo, mobilizados para aproveitar esse momento, usando todo o esforço necessário da reconstrução para alcançarmos patamares superiores e menos desiguais que os que tínhamos quando tudo começou. É imperativo cuidar para que as desigualdades educacionais já inaceitáveis no Brasil não encontrem terreno para crescer.

Em 12 de março, na última coluna que escrevi antes do domínio da pandemia no noticiário, falei sobre a reforma da escola de Suzano que havia sido palco de um massacre um ano antes. Empresas locais e o governo de São Paulo se uniram em torno da reconstrução, e comentei que mobilizações assim não deveriam esperar tragédias. E aí veio o coronavírus para concretizar da noite para o dia tantas parcerias e trocas entre governos, fundações e o setor privado. Será que, depois desse trauma, o país conseguirá enfim manter o senso de urgência e de prioridade em relação à educação?

Laura Mattos - Jornalista e mestre pela USP (Folha de S. Paulo 07/05/2020)

Adiar ou manter? Enem tem maior desafio da história com coronavírus

Inscrições para Enem 2020 começam nesta segunda-feira, 11. Mas pesquisadores, faculdades e governo não sabem dizer se exame poderá ocorrer na data prevista (Revista Exame, 11 maio 2020)

Dados do Inep, autarquia do MEC responsável por dados educacionais brasileiros e pela organização do Enem, mostram que, quanto maior o nível socioeconômico dos alunos, melhor o desempenho escolar, mesmo na rede pública.

O Inep calcula o nível socioeconômico (o chamado NSE) dos alunos em grupos entre 1 e 6, contabilizando fatores como renda e nível educacional dos pais. Dados compilados pelo Todos Pela Educação com base no NSE de 2018 mostram que, dos alunos da 3ª série do Ensino Médio com nível socioeconômico muito alto (no grupo 6), cerca de 83% conseguiu aprendizagem adequada em português e 63% em matemática. Nos alunos do nível 1, 2 e 3, menos de 24% teve aprendizagem adequada em português e menos de 4% em matemática.

Só a partir do nível 3 alunos podem ou não ter um computador. Esse grupo também tem famílias que ganham até 1,5 salário mínimo e pais que, no máximo, concluíram o ensino fundamental ou médio.

Já alunos do nível 5 têm renda familiar a partir de 2,5 até 7 salários mínimos e, no nível 6, de 7 a até 20 ou mais salários, além de pais com Ensino Superior e empregados em casa. Dentre os alunos do Ensino Básico com dados socioeconômicos disponíveis, esses grupos representam 7% das matrículas na rede pública, mas 70% na rede privada. Os últimos dados são de 2017.

Alunos de redes privadas e com nível socioeconômico mais alto também têm desempenho historicamente superior no Enem. Na cidade de São Paulo, que tem a maior rede de Ensino Médio do país, das 100 melhores escolas no Enem 2017, só quatro são públicas, segundo levantamento feito pela EXAME com base nos microdados disponibilizados pelo Inep. Mesmo entre as públicas, todas as dez melhores escolas têm nível socioeconômico 5 ou 4.

“O imbróglie em torno da realização do Enem está deixando claras e acentuando desigualdades que já existiam, e não só entre rede pública e privada. São desigualdades da sociedade brasileira e que se refletem na educação”, diz João Marcelo Borges, diretor de estratégia política do Todos Pela Educação.

O que acontece se o Enem for adiado?

Na prática, cancelar definitivamente o Enem é algo praticamente fora de questão para os especialistas ouvidos pela EXAME — sob pena de virar de ponta cabeça o sistema de ingresso de todo o Ensino Superior do país para o ano letivo de 2021.

“Há muitos pontos em defesa de um adiamento do Enem. Mas deve ser feito de uma forma que garanta que a prova continuará

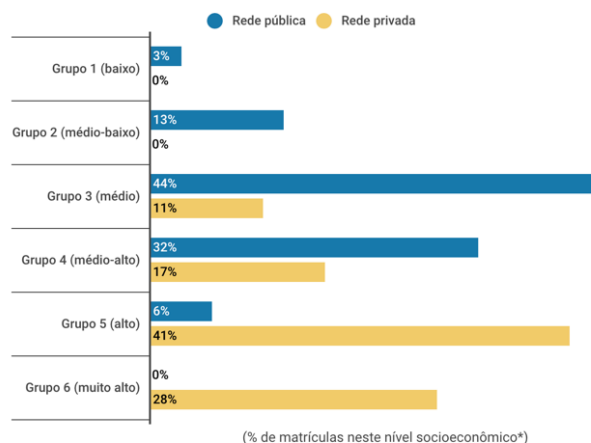
sendo uma ferramenta de acesso ao Ensino Superior”, diz Faria, do Iede.

Especialistas defendem algum tipo de sinalização mais concreta do MEC sobre o calendário de provas, para que estudantes possam se organizar — e não sofrer com um adiamento em cima da hora antes de novembro caso a pandemia não tenha arrefecido o suficiente até lá.

O MEC, em resposta, circulou no Congresso um documento em que justificava por que não poderia adiar a prova. Entre as justificativas, está a logística de organização da prova, o prazo para pedido de isenção dos alunos e o fato de uma alteração no calendário atrasar o início do ano letivo em 2021.

Nível socioeconômico

Dos alunos da Educação Básica com dados de Grupo de Nível Socioeconômico (NSE) disponíveis, as escolas particulares têm proporcionalmente mais estudantes com nível alto ou muito alto



Fonte: MEC/Inep - Censo Escolar e Inse. Compilado pelo Todos Pela Educação.

*Alunos sem informação no NSE foram excluídos da contagem na versão elaborada pela EXAME. Não têm informação socioeconômica nas bases de dados o equivalente a 62% dos alunos da rede privada e 28% da pública.

Fatores sociais podem explicar até 85% da nota de quem presta o Enem (ESTADÃO, NOVEMBRO/2018)

Um estudo feito pelo cientista de dados e mestre em Economia do Setor Público pela Universidade de Brasília (UnB) Leonardo Sales, a pedido do Estado, mostra que fatores socioeconômicos como esses estão correlacionados a até 85% da nota no exame.

O levantamento foi feito com base nos microdados do Enem e do Censo Escolar de 2017 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC). Segundo o estudo, dez variáveis são as que mais se correlacionam ao desempenho na prova, incluindo se a escola do candidato é privada, a renda da família, a oferta de equipamentos multimídia no colégio, o número de funcionários por aluno, entre outros. Um desempenho mais baixo está associado a variáveis como estudar em escola pública, morar em um domicílio que não tem computador, inexistência de carro e acesso a internet e/ou telefone fixo.

Isso não significa que o desempenho individual não tenha importância, mas que só isso explica pouco sobre o resultado nas avaliações, segundo especialistas. “O grande fator que pesa no desempenho do aluno está associado à família, pela renda e pelo capital cultural e social. Importa se a criança foi criada em um ambiente letrado, se tem livros, se ela é desafiada. E, é claro, importa a renda”, diz o professor aposentado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Chico Soares, especialista em avaliações.

Convívio

O especialista ressalta ainda que, na escola, o que acaba pesando mais é o convívio com outros alunos semelhantes. “O grande diferencial são os pares, ou seja, pessoas que também vieram de família com maior capital cultural e econômico. Isso cria um ambiente muito propício para o aprendizado.”



Quais são as variáveis?

Afeta positivamente

1. Se o aluno estudou em uma escola privada
2. A renda per capita familiar
3. O nível de utilização de equipamentos multimídia no colégio
4. O número de funcionários (relativo à quantidade de alunos) da escola
5. Se a instituição possui parque infantil

Afeta de forma negativa

1. Se o aluno estudou em uma escola pública estadual ou municipal
2. Inexistência de computador no domicílio
3. Inexistência de carro no domicílio
4. Inexistência de acesso à internet no domicílio

Igualdade de quê? (Folha de S.Paulo)

O que há de errado com a desigualdade do ponto de vista ético? Como o exemplo revela, a desigualdade não é um mal em si –o que importa é a legitimidade do caminho até ela.

A justiça –ou não– de um resultado distributivo depende do enredo subjacente. A questão crucial é: a desigualdade observada reflete essencialmente os talentos, esforços e valores diferenciados dos indivíduos ou, ao contrário, ela resulta de um jogo viciado na origem –de uma profunda falta de equidade nas condições iniciais de vida, da privação de direitos elementares e/ou da discriminação racial, sexual ou religiosa?

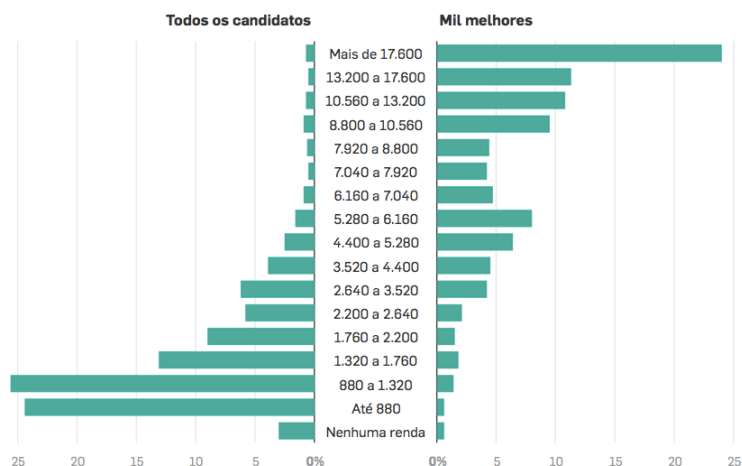
O Brasil fez avanços reais nos últimos 20 anos, graças à conquista da estabilidade econômica e das políticas de inclusão social. Continuamos, porém, sendo um dos países mais desiguais do planeta. No ranking da distribuição de renda, somos a segunda nação mais desigual do G-20, a quarta da América Latina e a 12ª do mundo.

Mas não devemos confundir o sintoma com a moléstia. Nossa péssima distribuição de renda é fruto de uma grave anomalia: a brutal disparidade nas condições iniciais de

EDUARDO GIANNETTI, é economista, doutor pela Universidade de Cambridge e escritor

Elite socioeconômica

Diferenças na renda familiar mensal entre todos os candidatos e o grupo das mil melhores notas. Em reais (R\$)



Fonte: Inep

ESTADÃO

vida e nas oportunidades das nossas crianças e jovens de desenvolverem adequadamente suas capacidades e talentos de modo a ampliar o seu leque de escolhas possíveis e eleger seus projetos, apostas e sonhos de vida.

Nossa "nova classe média" ascendeu ao consumo, mas não ascendeu à cidadania. Em pleno século 21, metade dos domicílios não tem coleta de esgoto; a educação e a saúde públicas estão em situação deplorável; o transporte coletivo é um pesadelo diário; cerca de 5% de todas as mortes –em sua maioria pobres, jovens e negros– são causadas por homicídios e um terço dos egressos do ensino superior (se o termo é cabível) é analfabeta funcional.

O Brasil continuará sendo um país violento e absurdamente injusto, vexado de sua desigualdade, enquanto a condição da família em que uma criança tiver a sorte ou o infortúnio de nascer exercer um papel mais decisivo na definição do seu futuro do que qualquer outra coisa ou escolha que ela possa fazer.

Pobreza e Cognição (Drauzio Varella, Folha de S.Paulo)

Pessoas mais pobres muitas vezes exibem comportamentos que tendem a mantê-las em estado de pobreza. Embora essa afirmação pareça politicamente incorreta, é baseada em farta literatura especializada.

Diversos estudos mostram que nas camadas de renda mais baixa, é maior a proporção daqueles que cuidam mal da saúde, aderem com irregularidade aos tratamentos médicos, têm mais filhos, dificuldade para cumprir horários e produtividade mais baixa, comportamentos que reduzem as chances de melhorar de vida.

As explicações clássicas para esse fenômeno envolvem a falta de escolaridade, de transporte eficiente, de acesso à assistência médica, violência urbana, desorganização familiar e preconceito social.

A pobreza captura a atenção, dispara pensamentos intrusivos e reduz as reservas cognitivas. Ser pobre não significa apenas viver com pouco dinheiro, mas conviver com reservas cognitivas mais baixas.

A pobreza interferiria com as habilidades cognitivas, não por algum tipo de condicionamento genético ou deficiência

individual, mas por que o contexto social agressivo impõe sobrecargas que comprometem o desenvolvimento pleno.

Essa depleção do funcionamento mental obedece ao chamado "modelo de reserva limitada de autocontrole".

Para atingirmos um objetivo, é o autocontrole que nos permite adotar comportamentos e condutas que nos conduzam da condição indesejada na direção daquela que almejamos. Não conseguimos, no entanto, utilizar essa estratégia em sua plenitude, porque a capacidade de autocontrole é limitada e exaurível.

Num estudo, pessoas obesas induzidas a resistir à oferta de um chocolate delicioso, apresentaram performance mais medíocre nos testes de capacidade mental e no controle de emoções negativas. Em seguida, aumentaram o número de calorias ingeridas às custas de alimentos mais calóricos.

Como na maior parte do tempo, os mais pobres enfrentam problemas de solução mais difícil, têm maior probabilidade de enveredar por caminhos deletérios como engordar, fumar, beber em excesso e gastar de forma menos sensata.

A frustração continuada de necessidades e desejos esgota nossas reservas mentais



A privada e a bicicleta (GREGORIO DUVIVIER – FOLHA DE S. PAULO)

Você sabe que lá fora [no exterior] você pode abrir seu laptop na praça, pode deixar a porta aberta, a bicicleta sem cadeado. Mas lá fora, não esqueça, é você quem limpa a sua privada. Você já relacionou as duas coisas?

Nos países em que você lava a própria privada, ninguém mata por uma bicicleta. Nos países em que uma parte da população vive para lavar a privada de outra parte da população, a parte que tem sua privada lavada por outrem não pode abrir o laptop no metrô (quem disse isso foi o Daniel Duclos).

[...].

Sabe por que os milionários americanos doam tanto dinheiro? Não é por empatia pelos mais pobres. Tampouco tem a ver só com isenção fiscal. Doam porque sabem que, quanto mais gente rica no mundo, mais gente consumindo e menos gente esfaqueando por bens de consumo.

Um pobre menos pobre rende mais dinheiro para você e mais tranquilidade nos passeios de bicicleta. A gente quer o seu (o nosso) bem. É melhor ser a elite de um país rico do que a de um país pobre.

MAOS À OBRA

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **“A intensificação da desigualdade social no Brasil”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Seu texto deve ter entre 07 e 30 linhas escritas.

